

O pó das estradas com a poeira dos livros

José Artur Tavares de Brito, conhecido nos quatro cantos do mundo como Artur Peregrino, faz jus ao cognome: tanto porque é um cristão herdeiro da mística missionária e caminheira dos conselheiros do Nordeste brasileiro, como porque é um acadêmico irrequieto e sempre em busca de novas fronteiras para conhecer e transformar a história, unindo assim a poeira dos livros com o pó das estradas.

Neste seu livro “Herança das Reformas: papel de mulheres e homens em 500 anos de história”, Artur faz uso do seu método peregrino e acorda uma releitura teórica, histórica e teológica, da Reforma Protestante, com o ensaio prático, ecumênico e reformado, que vem sendo desenvolvido nas andanças do seu Grupo de Peregrinas e Peregrinos do Nordeste. Decantam-se, assim, fundamentos antropológicos e lógicos, esperançosos, para um jeito novo de ser cristão.

Com efeito, a obra colabora para o reconhecimento humano da experiência de fé e o exercício do respeito à diversidade de suas expressões, para a reflexão sobre a vivência pluralista do sagrado e o ensaio de místicas trans-religiosas, para a construção de um cristianismo dialogal e sempre em saída, para servir à vida do mundo. Nessas histórias recolhidas por Artur, de ontem e de hoje, pode-se perceber que a herança da Reforma Protestante e de um cristianismo em Reforma, com os cristãos se reconciliando pela prece da unidade e pelo serviço comum e misericordioso às vítimas do tempo e pela abertura acolhedora ao espírito dos novos tempos, aporta um testemunho significativo para o diálogo mais amplo entre culturas e religiões.

Nosso Peregrino remarca que “De Lutero até hoje aconteceram muitos desvios do caminho. Agora é hora do compromisso com a prática concreta do amor. Percebe-se que tanto a Igreja Católica como as Igrejas Protestantes se sentem interpeladas para o testemunho da unidade. Todos são parte nessa realidade”. Sim, estamos há 500 anos daquela Reforma Protestante, marcada pelas teses de Lutero em 1517, que deslançaram uma agitação religiosa ensejada pelo mundo moderno, urbano e comercial, contra o medievo agrícola e rural. Teses libertárias, ainda que nos limites da emancipação burguesa, ampliando e pluralizando, porém, a compreensão de Igreja e o sentido do ecumenismo.

A Reforma insurgiu-se contra uma tradição que não era a mais originária do cristianismo, mas refletia a inserção da Igreja no mundo político do Império Romano, desde o século IV, tendo se cristalizado graças a Gregório VII e à sua luta para defender-se dos Príncipes, a partir do ano 1000. Aí se passou de uma Igreja-comunidade para uma Igreja identificada com a sociedade e fundamentada na “sociedade perfeita” dos religiosos.

No cristianismo primitivo toda a comunidade tinha um caráter “sacerdotal”, na medida em que sua vida comunitária devia participar da “obra sacerdotal” de Cristo. Não simplesmente na celebração litúrgica, mas no empenho amoroso da vida de cada um e de

todo cristão, devido ao poder transformador do único sacrifício de Cristo. Porém, na medida em que a Igreja foi crescendo, tornou-se mais comum distinguir entre os cristãos ordenados para as celebrações públicas, o clero, e os não ordenados, os leigos. Depois, o aparecimento do monaquismo aprofundou essa distinção, entre leigo e monge, o qual devia se dedicar à espiritualidade. Com isso a liturgia passou a ser privilegiada e se tornou assunto clerical, ficando os leigos reduzidos a espectadores.

Foi o fim do pluralismo teológico, litúrgico e pastoral. O clero católico separou-se dos leigos e mais tarde separou-se também do mundo moderno e mais racional, que se desenvolveu às margens e, muitas vezes, contra a Igreja. O Protestantismo surgiu no bojo dessa transformação cultural e, contra a monopolização dos atributos divinos pela Igreja e sua hierarquia, enfatizou princípios como “Somente a Graça”, “Somente Cristo”, “Somente a Escritura”, “Somente a Fé” e “Glória somente a Deus”.

Contra o clericalismo se resgatou o sacerdócio universal de todos os crentes e a ideia da “Igreja que está sempre se reformando”. Esses fundamentos veem aos poucos sendo assimilados pelo catolicismo: o Concílio Ecumênico Vaticano II (1965) recordou que a vida de todo cristão é sacerdotal, na medida em que ele se entrega ao poder do amor, encarnado na autodoação salvífica de Jesus. E o ministério cristão ordenado vai sendo revisto, então, como uma chamada para servir e coordenar esse sacerdócio de todos os batizados.

A Igreja cristã, portanto, vai se redefinindo como comunidade de comunidades eclesiais, povo enviado ao mundo em missão para colaborar no Reino vindouro de Deus, povo que olha para o futuro com humildade e esperança. Todos os cristãos, em virtude do seu batismo, participam do sacerdócio de Cristo, e todos são chamados a entregar suas vidas a um sacrifício vivo de santidade. Por conta disso, diferente do que ocorreu nos quatro centenários anteriores da Reforma, nestes 500 anos a comemoração ocorre em clima de empenho pela unidade.

Há, em meio a resistências reacionárias, um sentimento de gratidão pelo legado teológico de Lutero e companheiros, garantindo a preponderância da graça divina, o acolhimento desta através da fé e o compromisso em favor da prática do amor. Mas há também um sentido autocrítico para com as institucionalizações limitadas e deturpações que ocorreram em Lutero e, sobretudo, na história das Igrejas após o período da Reforma. E o Papa Francisco e amplos setores do catolicismo têm demonstrado que encaram a história, também da Igreja Católica, de forma igualmente crítica e aberta para o ecumenismo, disposta a somar forças em favor do Reino de Deus.

Então, com sensibilidade de peregrino, Artur capta neste livro esse tempo oportuno e favorável, fecundo de possibilidades para o cristianismo se renovar. São páginas destinadas não à poeira das bibliotecas, mas à meditação do caminho. É livro para se cair na estrada e fazer profecia: “Vai, e toma o livrinho aberto da mão do anjo que está em pé sobre o mar e sobre a terra. E fui ao anjo, dizendo-lhe: Dá-me o livrinho. E ele disse-me: Toma-o, e come-o, e ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como mel.

(...) Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e línguas e reis.” (Ap 10, 8-11).

Gilbraz Aragão

Professor da UNICAP, presidente da ANPTECRE.